

DN 17 Junho 64

# O DELEGADO

7.5.49 RUBEM BRAGA

ISSO aconteceu há muitos anos, mas não a ter sido ontem.

Certo secretário do Interior de Minas recebeu pedido para remover um delegado de Polícia. O motivo era simples. Nomeado para um município do interior, muito distante, o delegado deixara sua esposa em Belo Horizonte; e lá se apaixonara perdidamente por uma jovem, filha de pessoa importante no lugar. O namôro desagradava a muita gente, e havia quem temesse que a coisa acabasse em tragédia.

Depois de pedir informações sobre a denúncia, o secretário mandou chamar à capital o delegado amorofo. Ele veio. Mas, um dia depois d'ele, chegou uma grande comissão de pessoas importantes do lugar. Essa comissão vinha pedir ao secretário que não removeesse o homem. Era uma autoridade benquista na terra, um moço direlto, cumpridor da lei, muito correto, que se dava bem com todo mundo, mas sabia impor respeito, etc., etc...

O secretário coçou a cabeça.

— Eu estava crente que os senhores queriam a saída d'ele...

Não, de maneira alguma. Pelo contrário, tinham feito a longa viagem expressamente para pedir que o rapaz voltasse. E da comissão fazia parte, sem dúvida alguma, a gente mais importante do lugar.

O secretário ponderou que tinha, na realidade, muito boas informações sobre o delegado. Por isso mesmo tinha pensado em removê-lo, como prêmio, para uma delegacia mais importante, mais próxima à capital. Mesmo porque — acrescentou — o rapaz era casado. Aliás... E fez menção ao caso que chegara ao seu conhecimento.

Agora os homens da comissão é que coçavam a cabeça. E se entreolhavam:

— E', doutor, mas... Nós viemos pedir para o sr. mandar o homem de volta. Aliás o dr. Fulano já lhe deve ter pedido...

O dr. Fulano era um figurão da política estadual. Sim, é verdade que pedira ao secretário para não remover o moço.

— Fulano me falou mesmo. E eu senti muito não poder atender. Expliquei o motivo, e ele acabou achando que era mesmo melhor para o rapaz e para todo mundo que ele fôsse removido.

— Mas, dr., não tem nenhum jeito mesmo, não?

— Os srs. vão me desculpar, mas eu prefiro mandar esse homem para outra delegacia. Não quero ser responsável pelo que possa acontecer se ele voltar para lá.

Então o mais velho da comissão, um fazendeiro, depois de olhar os outros, deu um suspiro.

— Então o sr. não manda mesmo o rapaz de volta, doutor?

— Já expliquei aos senhores que não.

Um grande suspiro coletivo de alívio.

— Muito obrigado, doutor! Disso é que nós queríamos ter certeza...

O secretário não percebeu imediatamente:

— Mas como? Os senhores não me vieram pedir para ele ficar?

— E', doutor, o senhor compreende... Nós sabemos que o dr. Fulano tinha falado com o sr. Lá todo mundo achava que por causa disso o sr. ia deixar o homem no lugar. Então nós achamos melhor pedir a mesma coisa, porque esse rapaz anda muito desconfiado com nós todos. Se ele voltasse achando que nós tínhamos sido a favor da remoção, seria pior. O sr. compreende, dr., ele é um moço muito direlto, mas é meio violento, quero dizer, é meio estourado, e ainda por cima está muito desorientado com esse tal namôro, de maneira que ia chegar lá com raiva de nós...

O sr. Pedro Aleixo estava no Rio agora. Veio ver como anda a política nacional e explicar a pessoas como o sr. Nereu Ramos o acôrdo de Minas. O sr. Pedro Aleixo não é um timorato político do interior, capaz de vir pleitear o contrário do que deseja, ou jurar o que não pensa. Mas o sr. Pedro Aleixo também é chinês, quero dizer, também é mineiro...